

DISCURSO DE ABERTURA DO V SIMPÓSIO INTERNACIONAL “A RENOVAÇÃO LITÚRGICA E O CONCÍLIO VATICANO II”

OPENING ADDRESS OF THE 5TH INTERNATIONAL SYMPOSIUM “LITURGICAL RENEWAL AND THE SECOND VATICAN COUNCIL”

Pe. José F. Folqué Nicolau

Responsável pelo Caminho Neocatecumenal no Brasil

DOI: 10.64205/brasiliensis.14.27.2025.230

Publicado sob licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



Prezados

Dom Paulo Cezar Costa, Card. Arcebispo de Brasília,

Pe. Ezechiele Pasotti,

Pe. Segundo Tejado,

prezados irmãos em Cristo:

*Desejei ardenteamente
comer esta Páscoa convosco antes de sofrer;
pois eu vos digo que já não a comerei
até que ela se cumpra no Reino de Deus.
(Lc 22,15s)*

A importância da Liturgia na Iniciação Cristã pós-batismal

Pela fé, desejamos ardenteamente comer a Páscoa com Cristo, porque Ele vem ao nosso encontro na Liturgia, especialmente na Eucaristia. Ele, que nos ama sem limites, nos encontra sempre ameaçados pelo medo da morte e nos convida à mesa com ele, para que, celebrando na luz radiante de sua Cruz o grande Mistério — mediante a sua palavra e os “sinais santos” —, sejamos transportados ao seu Reino, hoje celebrado na fé, um dia plenamente na visão.

É o Senhor, o Amado que, como se diz no Cântico dos Cânticos, vem ao encontro da Amada, a Igreja, “correndo pelos montes, saltitando nas colinas” (Ct 2,8), das nossas idolatrias, mas envolto na luz da vitória sobre a morte. E o encontro com ele nos coloca em movimento e provoca a

exultação, a verdadeira alegria, a Eucaristia.

Não se trata, por tanto, de “ir à igreja” ou de “ir à missa”, — a linguagem facilmente nos trai e manifesta nossa pouca consciência do que celebramos —. Trata-se de entrar no Mistério Pascal que se celebra em cada sacramento e que, especialmente, vem ao nosso encontro toda semana na Eucaristia.

Nesse mistério de luz esplendorosa, que é a santa liturgia católica, seremos introduzidos nesses dias através desse “Simpósio sobre a Liturgia”.

Há muito tempo estávamos cogitando, como Equipe Responsável pelo Caminho Neocatecumenal no Brasil, a possibilidade de convidar o Pe. Ezechiele Pasotti e o Pe. Segundo Tejado, presbíteros itinerantes, para um encontro no Brasil, o qual hoje temos a alegria de viver neste “Simpósio sobre a Liturgia”.

Estes seriam para nós os objetivos deste encontro:

- Depois da celebração dos 50 Anos do Caminho Neocatecumenal no Brasil — o ano passado¹ —, desejávamos retomar mais profundamente as intuições históricas e teológicas do Caminho Neocatecumenal através destes irmãos que estiveram sempre perto dos Iniciadores, Kiko Argüello e Carmen Hernández, junto ao Pe. Mario Pezzi.

- E em segundo lugar, não menos importante, almejávamos refletir e aprofundar na imensa riqueza que significou para a Igreja a Renovação Litúrgica do Concílio Vaticano II — sessenta anos depois da sua finalização e sessenta e três da promulgação da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia.

Num primeiro momento, tratar-se-ia de um ato acadêmico, uma vez que é um Simpósio organizado pelo Centro de Estudos *Redemptoris Mater* de Brasília. Contudo, entendemos também que deveria adquirir um caráter catequético que nos ajudasse a tomar consciência clara da importância fundamental da Liturgia diante da gravidade do momento presente, por um lado estremecedor, mas, ao mesmo tempo, cheio de esperança pelo desafio que implica anunciar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo em nosso mundo secularizado e descrente. Nesse sentido, São João Paulo II cunhou aquela expressão que ainda hoje é urgente recordar: a Igreja precisa de um “renovado compromisso não de re-evangelização mas de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos, na sua expressão”².

¹ A celebração dos 50 Anos do Caminho Neocatecumenal no Brasil aconteceu no domingo 14 de julho de 2024, na Basílica Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Aparecida, SP), com a participação de 40.000 irmãos de todo o Brasil que se fizeram presentes para o evento.

² João Paulo II, “Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam”, Santa Sé, 9 de março de 1983, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html.

A Igreja, nesse espírito evangelizador, nos confiou uma ferramenta maravilhosa: o Neocatecumenato. Isso será tratado adiante.

O tema da Liturgia é, portanto, de fundamental importância na nossa vida de fé e na missão que o Senhor nos confia a todos, e, de modo mais concreto a nós, como catequistas do Caminho Neocatecumenal. Não posso deixar de reconhecer um temor legítimo, devido ao escasso conhecimento e à pobre experiência que temos da Liturgia, especialmente em relação à Eucaristia: achamos, acaso, que a Liturgia é como a irmãzinha pobre da Iniciação Cristã pós-batismal? Temos dificuldade em explicitar nas catequeses algo tão sublime como é a experiência litúrgica. Temos de reconhecer que, às vezes, nos supera. Somos carentes. Por isso estamos aqui.

Nesse sentido, o Estatuto que nos foi entregue pela Santa Sé ressalta, em nota, a necessidade de nos aprofundar na compreensão e na experiência da Liturgia:

muitos neocatecúmenos provêm do mundo e de experiências feitas fora da Igreja, e precisam de uma gradual introdução aos sacramentos: uma propedêutica sacramental que João Paulo II definiu como “laboratório sacramental”, no qual os batizados, mas não iniciados (cf. Karol Wojtyla, *Para que Cristo se sirva de nós. Catecumenato do século XX*: Znak, Cracóvia, n. 34; 1952, pp. 402-413) possam descobrir gradualmente o fulgor do mistério pascal.³

Agradecimentos

Aproveito, desde já, para manifestar o nosso mais sentido agradecimento a estes irmãos por terem aceitado o convite de nos acompanhar neste momento.

O motivo imediato deste ato foi a publicação, em português, do livro *O esplendor da Liturgia Cristã: do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II* do Pe. Ezechiele Pasotti, que, se Deus permitir, será apresentado sábado próximo às 10 horas na Casa de Convivências Sagrada Família de Nazaré.

Dificuldades na História da Igreja que deterioraram a Renovação Litúrgica

A Igreja, nesses dois mil anos de vida, juntamente com a vida de santidade que a susteve em meio a duríssimas provas e perseguições

³ *Estatuto do Caminho Neocatecumenal* (Aprovação definitiva : 11 de maio 2008), Art. 13 (Eucaristia), nota 45, p. 32.

violentas, experimentou, em momentos determinados, desgarramentos profundamente dolorosos — na formulação teológica, na expressão litúrgica e na vida eclesial, por exemplo —, fruto de fanatismos intransigentes e extremismos que levaram a grandes sofrimentos. Trata-se de sua dimensão humana.

Apenas para mencionar alguns desses momentos certamente tristes da História da Igreja, destacaria, por exemplo, o Cisma do Oriente — em 1054 — que significou a traumática e trágica separação das Igrejas orientais do Ministério Petrino, perpetrada pelo apaixonado patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário. Na controvérsia literária em curso — afirma o historiador Joseph Lortz —, a Igreja latina foi atacada, entre outras causas, porque para a Eucaristia usava pão ázimo, na Quaresma deixava-se de cantar o aleluia, etc.⁴. Teria a liturgia sido instrumentalizada, de modo servil, como motivo de controvérsia?

Outro momento extremamente crítico, especialmente para a teologia litúrgica, foi a Reforma protestante em 1517. Criou-se uma cisão de tal magnitude que, segundo esse historiador, foi avaliada como a maior catástrofe que sobreveio à Igreja em toda a sua história até o presente. Nem as heresias da Antiguidade, nem as seitas da Idade Média, nem sequer a separação da Igreja oriental, tiveram efeitos tão graves para a existência da Igreja e da fé como a Reforma.⁵ Esta Reforma dilacerou gravemente a vida litúrgica da Igreja. Com muitas e quase insuperáveis dificuldades conseguiu-se convocar o grande Concílio de Trento.

Na nossa época, estamos vivendo algo parecido? Talvez não percebemos ainda a gravidade. A vida da Igreja, também hoje, se debate entre duas concepções dela totalmente diferentes e extremas: a postura “progressista” e, recentemente, o posicionamento dos chamados “tradicionalistas”. A Teologia da Libertação, por um lado, e o “tradicionalismo” católico, por outro. Ambas as concepções da vida cristã partem de algum modo de uma incorreta interpretação do Concílio Vaticano II bem como da manipulação da Reforma Litúrgica.

A Teologia da Libertação, por um lado — nas palavras de um antigo professor da PUC de São Paulo, o padre Benedito Bení, numa conferência em 1999 na sede da Universidade —, surgia como uma nova contextualização da perspectiva eclesiológica do Vaticano II: “Em Medellín surge, pelo menos como momento simbólico, uma nova experiência eclesial: a Igreja dos pobres”⁶. Na mesma linha, María Alícia Gutiérrez

⁴ Joseph Lortz, *Historia de la Iglesia en la perspectiva de la historia del pensamiento: I. Antigüedad e Edad Media* (Ediciones Cristiandad, 2003), 413.

⁵ Joseph Lortz, *Historia de la Iglesia en la perspectiva de la historia del pensamiento: II. Edad Moderna y Contemporánea* (Ediciones Cristiandad, 2008), 108-109.

⁶ “Após o Vaticano II, a Igreja, na América Latina, foi marcada profundamente por um acontecimento:

afirmava que “a Teologia da Libertação implicou uma interpretação da fé cristã pelo prisma da luta e da esperança de mudança dos pobres”⁷. Nesse contexto de forte preocupação com os pobres e com a justiça social, a Liturgia acabou por perder muito do seu conteúdo transcendente, dissolvendo-se em esquemas até mesmo banais.

Mais preocupantes, por outro lado, são os chamados “tradicionalistas”, que, via de regra, não aceitam o Concílio Vaticano II, acusando-o de todos os fracassos da Igreja de hoje. Eles manipulam a Liturgia, como veremos mais adiante. A apresentação do livro colocará em nossas mãos as armas adequadas para um melhor discernimento da situação.

Além disso, esse movimento nos preocupa bastante no âmbito interno do Caminho Neocatecumenal, pois representa um perigo real, na medida em que arrebata, nos irmãos mais inocentes, a vocação e a missão que o Senhor nos confiou na Igreja de hoje: levar às paróquias uma Iniciação Cristã, definida por S. João Paulo II, “como um itinerário de formação católica, válido para a sociedade e para os tempos de hoje”⁸.

O tradicionalismo católico busca preservar e promover as práticas e o ensino católico tradicional, frequentemente em oposição às reformas introduzidas depois do Concílio Vaticano II. Os tradicionalistas celebram a liturgia tradicional, isto é, a Missa Tridentina, porque é considerada, pelo menos para a maioria deles, como a forma mais pura da liturgia. Além disso, assumem alguns costumes anteriores ao Concílio, como o uso do véu pelas mulheres na igreja, o ajoelhamento da assembleia durante a consagração e a recepção da comunhão na boca, de joelhos; a confissão é feita de joelhos e no confessionário, entre outros costumes.

Num momento de mudança de época — da que falava São João Paulo II —, e, portanto, de incertezas e de busca sofrida da verdade, os espíritos inseguros buscam no tradicionalismo formas de certeza e segurança que, a meu ver, são enganosas.

Esta corrente ideológica dentro da Igreja foi severamente corrigida pelo Papa Francisco e representa hoje uma preocupação para muitos bispos e até

a Segunda Conferência Geral do Episcopado, realizado em Medellín, em 1968. [...] A perspectiva eclesiológica do Vaticano II foi assumida e contextualizada. Em Medellín, surge, pelo menos como momento simbólico, uma nova experiência eclesial: a Igreja dos pobres. [...] Em Medellín, surge ainda a imagem de uma Igreja militante, que procura desenvolver determinadas práticas pastorais a fim de que a Boa Nova, que é o anúncio do Evangelho, se torne realidade sobretudo para os pobres. Surge, em Medellín, a imagem de uma Igreja profética que procura, a partir do anúncio da Palavra de Deus, fazer uma leitura da realidade para denunciar o pecado e suas consequências no plano individual e social e, ao mesmo tempo, indicar o caminho de conversão” (Pe. Benedito Bení dos Santos, *A influência do Vaticano II e da Teologia da Libertação no ensino da Teologia nesta Faculdade, na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção*, SP, 1999, pág. 57).

⁷ María Alicia Gutiérrez, “Teologia da Libertação”, *Encyclopédia Latinoamericana*, <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/t/teologia-da-libertacao>.

⁸ João Paulo II, “*Lettera Pontificia Ogni Qualvolta* (30 agosto 1990)”, *Santa Sé*, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1990/documents/hf_jp-ii_let_19900830_ogni-qualvolta.html.

para diversas Conferências Episcopais. O Papa Francisco, numa visita ao Quebec (Canadá) em 2022, afirmou: “Alguém disse uma vez que a Tradição é a memória viva da nossa fé. O ‘tradicionalismo’, ao contrário, é a vida morta da nossa fé”⁹.

Alguns pontos que dificultam a vivência plena da Liturgia

Hoje, assistimos, especialmente nas novas gerações — e diversos estudos pedagógicos aparecem em continuidade — a uma crise realmente séria sobre o valor da palavra falada e compartilhada seja na família, seja na escola, seja na comunidade. Alguns pedagogos falam novamente da importância da palavra no crescimento equilibrado dos filhos e dos educandos na escola. Apareceu recentemente um fenômeno novo: a palavra se torna afinal algo cansativo. Estamos sendo invadidos pela imagem, em detrimento da palavra e, portanto, do *kerigma*, de cuja escuta depende o início da fé.

Do mesmo modo, parece que se perdeu, nas celebrações litúrgicas, a importância da presença pessoal — quero dizer, física —, o que vai em detrimento do significado da assembleia que se reúne para celebrar, com graves consequências sobretudo na celebração eucarística. A esse respeito, tomam-se hoje medidas na sociedade, nas famílias e na educação de crianças e adolescentes, para favorecer uma melhor relação entre os que se encontram. As redes sociais — quando mal utilizadas — nos alienam, porque temos medo e até fastio da presença dos irmãos numa assembleia. Como dizia o Papa Leão Magno numa homilia sobre a Ascensão do Senhor:

Na verdade, tudo o que na vida de nosso Redentor era visível passou para os ritos sacramentais; e para que a nossa fé fosse mais firme e autêntica, à visão sucedeu a palavra, em cuja autoridade se devem apoiar os corações dos que creem, iluminados pela luz celeste.¹⁰

Temos que reconhecer, finalmente, que “os sinais litúrgicos” nos ultrapassam e que conseguimos, não sem certa dificuldade, “fazer páscoa” através deles. Isso dificulta aquela participação “plena, consciente e ativa” na Liturgia, como desejava o Concílio Vaticano II (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 34).

Estas dificuldades tocam seriamente o nosso crescimento na fé e atingem diretamente a novidade e a beleza da celebração litúrgica e

⁹ ACI Digital, “O tradicionalismo é a ‘vida morta’ dos crentes, diz Francisco”, *ACI Digital*, <https://www.acidigital.com/noticia/52910/o-tradicionalismo-e-a->.

¹⁰ Leão Magno, *Segundo Sermão sobre a Ascensão do Senhor*.

especialmente da Eucaristia, porque afetam os meios que a Igreja, obedecendo ao seu Senhor, nos deu para celebrar a fé, quer dizer: a Palavra, a Liturgia e a Comunidade. “Transmitem-vos, em primeiro lugar”, diz São Paulo aos Coríntios, “aquiilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4). Só podemos transmitir aquiilo que recebemos. Escutemos nestes dias com atenção para crescer na fé e poder transmitir mais adequadamente a luz impressionante da Liturgia cristã. Que tudo contribua para uma verdadeira renovação espiritual que nos faça mais conscientes do tesouro que o Senhor colocou em nossas mãos como cristãos e como catequistas.

A liturgia católica é uma irrupção da glória de Cristo na história humana. Ao mesmo tempo, porém, é algo sumamente frágil. Por um lado, é uma verdadeira epifania do Senhor Ressuscitado — através da Palavra proclamada e dos “sinais litúrgicos” —; por outro, no seu elemento humano, é algo muito frágil, que facilmente pode se deturpar e perder a arte própria da liturgia — da qual se falará também — e a sua beleza.

Desejo terminar esta breve introdução fazendo referência a um grande historiador e filósofo católico inglês, Hilaire Belloc — amigo e “pai espiritual” de Gilbert Keith Chesterton. Na introdução do livro *Europa e a fé*¹¹, ao falar da história da Europa — e o que vou ler, entenda-se, também da história do Brasil e da América Latina —, ele afirma:

Falarei da *consciência* católica da História. E digo *consciência*, isto é, conhecimento íntimo mediante a identidade: a intuição de uma coisa que se unifica com o conhecedor. Não falarei, pois, do *ponto de vista* católico da História. A expressão *ponto de vista* é moderna e integra, portanto, um todo decadente; é falsa [...]. Não existe um tal *ponto de vista* católico da História europeia [insisto, poderíamos também dizer o mesmo da História do Brasil ou da América Latina]. Há um ponto de vista protestante, um ponto de vista judeu, outro maometano ou japonês; porque todos eles consideram a Europa desde o exterior. Mas o católico contempla a Europa desde dentro, e não pode haver um ponto de vista católico da História europeia, como não pode haver um ponto de vista de um homem com respeito a si mesmo.

Não existe, para o católico que chegou à fé adulta, um *ponto de vista* litúrgico da vida cristã. Falar de um *ponto de vista* litúrgico é falso, porque é algo externo. É preciso crescer na consciência de que celebramos o Mistério de Cristo “desde dentro”, porque “pelo Batismo nós fomos sepultados com Ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,4). É o Homem

¹¹ Hilaire Belloc, *Europa y la fe*, trad. Eduardo Lanús (CEPA, 1942; originalmente publicado em 1920), 7.

Novo que celebra a Liturgia e, portanto, como templos do Espírito Santo podemos dizer mais uma vez com São Paulo: “Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

É a comunidade cristã, atraída por Cristo Ressuscitado e colocada em movimento pascal, que celebra, unida à Igreja celeste, a glória d'Aquele que venceu a morte. Celebramos, sim, a morte de Cristo, porém não desde uma religiosa tristeza, mas desde a alegria pascal celebrada num banquete ao redor da mesa. “Tendo dito isso,” narra-nos o evangelista João, na tarde do primeiro dia da semana, “mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor” (Jo 20,20).

O Senhor ressuscitado se faz visível na celebração eucarística como anunciou Pedro ao centurião Cornélio e à sua família:

Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia e concedeu-lhe que se tornasse visível, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, isto é, a nós, que comemos e bebemos com ele, após a sua ressurreição dentre os mortos. (At 10,40-41)

A Vida Cristã e, especificamente, a Iniciação Cristã se fundamentam num tripé: Palavra, Liturgia e Comunidade. Esta metodologia não foi invenção do Caminho Neocatecumenal, é, ao contrário, a única pastoral normativa para a Igreja de todos os tempos, como se afirma nos Atos dos Apóstolos (2, 42): “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”.

O Senhor nos encarregou, no Caminho Neocatecumenal, de levar à Igreja de hoje esta renovação. Escutar atentamente o que será exposto nesses dias reveste um significado ao mesmo tempo formativo e testemunhal.

Sem dúvida esta exposição — e a posterior leitura tranquila do livro que será apresentado — ajudar-nos-á a ter um conhecimento mais profundo, um amor mais solícito pela Liturgia e mais vigilância e mais zelo pela Palavra e pelos “sinais” que expressam a beleza da nossa fé.

O autor, na apresentação do seu livro *O esplendor da Liturgia Cristã. Do Concílio de Trento até o Concílio Vaticano II*, nos introduzirá no valor e nos limites — desde a perspectiva do momento atual — do Concílio de Trento e, sobretudo, nos impulsionará a compreender o grande dom da Renovação Litúrgica do Concílio Vaticano II para a Igreja do século XXI.

Disse o Senhor Jesus, após a sua belíssima catequese sobre as parábolas do Reino dos Céus: “Todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas” (Mt 13,51b).

Deixamos a palavra ao Pe. Ezechiele Pasotti. Escutemos.
Muito obrigado.

Referências bibliográficas

ACI Digital. “O tradicionalismo é a ‘vida morta’ dos crentes, diz Francisco”. ACI Digital. <https://www.acidigital.com/noticia/52910/o-tradicionalismo-e-a->.

Belloc, Hilaire. *Europa y la fe*. Traduzido por Eduardo Lanús. CEPA, 1942.

Estatuto do Caminho Neocatecumenal. Aprovação definitiva. 2008.

Gutiérrez, María Alicia. “Teologia da Libertação”. Enciclopédia Latinoamericana. <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/t/teologia-da-libertacao>.

João Paulo II. “Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam”. Santa Sé, 9 de março de 1983. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html.

João Paulo II. “Lettera Pontificia *Ogni Qualvolta* (30 agosto 1990)”. Santa Sé. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1990/documents/hf_jp-ii_let_19900830_ogni-qualvolta.html.

Leão Magno. *Segundo Sermão sobre a Ascensão do Senhor*.

Lortz, Joseph. *Historia de la Iglesia en la perspectiva de la historia del pensamiento: I. Antigüedad e Edad Media*. Ediciones Cristiandad, 2003.

Lortz, Joseph. *Historia de la Iglesia en la perspectiva de la historia del pensamiento: II. Edad Moderna y Contemporánea*. Ediciones Cristiandad, 2008.